

## **O BRASIL E OS BRASILEIROS**

*Carlos Antonio Valentim\**

### **RESUMO**

Este artigo tem como tema o livro *O Brasil e os Brasileiros*, de Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher, uma ampliação da obra *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, escrita alguns anos antes por Kidder. O livro informa os norte-americanos sobre as riquezas e belezas naturais do Brasil, mostrando-o como um país de grandes oportunidades, no qual poderão comercializar seus produtos e extrair riquezas naturais. Outro objetivo é a evangelização dos brasileiros. Com vistas ao primeiro intento, Fletcher promove uma exposição de produtos norte-americanos e, quanto ao segundo, incentiva em seus escritos o envio de missionários. A leitura dessa obra e a história subsequente mostram que os objetivos foram alcançados, ainda que não da maneira como os autores esperavam, nem com a rapidez que desejavam. Uma análise crítica do texto demonstra que por trás de alguns piedosos missionários norte-americanos havia interesses mercantis e imperialistas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Protestantismo brasileiro; Inserção do protestantismo; Missionários metodistas; Missionários presbiterianos; Viajantes; Mercantilismo.

### **INTRODUÇÃO**

Desde 1980, quando a Editora da Universidade de São Paulo e a Editora Itatiaia lançaram a coleção *Reconquista do Brasil (Nova Série)*, dirigida por Mário Guimarães Ferri, um número considerável de intelectuais tem feito uma

---

\* O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Rev. José Manoel da Conceição, licenciado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Morada do Sol, em Indaiatuba (SP).

releitura dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil até o século 19. Tem sido defendidas dissertações e teses sobre personagens como Jean de Léry, Príncipe Maximiliano de Vied-Neuwied, Sir Richard Francis Burton, Claude D'Abbeville, Jean-Baptiste Debret, Auguste de Saint-Hilaire e outros. Entretanto os viajantes e missionários Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher não têm recebido a mesma atenção. O objetivo deste artigo é refletir sobre a verdadeira motivação da obra missionária e mostrar a dicotomia existente entre a evangelização e o comércio a partir da chegada dos missionários em terras brasileiras. O livro *O Brasil e os Brasileiros* reflete bem essa realidade. De um lado, vemos Daniel Kidder preocupado com a evangelização, o que ele faz muito bem, desbravando os rincões do país, levando Bíblias e literatura, entrando em contato com autoridades para a divulgação do evangelho. De outro lado, vemos James Fletcher, que organiza uma exposição de produtos norte-americanos com o objetivo de aumentar o intercâmbio comercial entre os dois países. No pensamento de Fletcher, não existia incompatibilidade entre as duas atividades.

### 1. DANIEL P. KIDDER E JAMES C. FLETCHER

Daniel Parish Kidder (1815–1891) foi missionário metodista e é considerado um dos pioneiros do protestantismo no Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro em 1837, associando-se ao Rev. Justin Spaulding, que havia chegado no ano anterior. Demorou-se no Brasil por alguns anos, tendo percorrido o norte do país em 1837-38. Em 1840, devido ao falecimento da esposa no Rio de Janeiro, regressou aos Estados Unidos, onde, cinco anos depois, publicou sua obra *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*.<sup>1</sup> Mediante seu consentimento, essa obra foi ampliada, refundida e atualizada pelo Rev. James Cooley Fletcher, recebendo o título *O Brasil e os Brasileiros*, livro que é o objeto deste artigo.<sup>2</sup>

James Cooley Fletcher (1823-1901) foi um pastor presbiteriano que estudou no Seminário de Princeton e na Europa, tendo se casado com uma filha de César Malan, teólogo calvinista de Genebra. Chegou ao Brasil em 1851 como novo capelão da Sociedade dos Amigos dos Marinheiros e como missionário da União Cristã Americana e Estrangeira. Atuou como secretário interino da legação americana no Rio de Janeiro e foi o primeiro agente oficial da Socie-

<sup>1</sup> Título do original: *Sketches of residence and travels in Brazil*. Em português (reimpressão): KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil* (Vol. 1) e *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil* (Vol. 2). Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1980 (1940).

<sup>2</sup> KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James C. *O Brasil e os brasileiros*. 2 vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

dade Bíblica Americana no Brasil. Promotor entusiasta do protestantismo e do “progresso”, Fletcher também se dedicou ao estudo de ciências naturais, tendo, na sua viagem pelo Amazonas, colhido materiais que enviou ao Prof. Louis Agassiz e de que este se serviu para seus estudos ictiológicos e posteriores observações na mesma região.

## 2. AUTORIA, OBJETIVOS E CONTEÚDO

Lendo atentamente *O Brasil e os Brasileiros*, observamos que a contribuição de Kidder para essa obra se deu quase que somente por meio de pequenas citações retiradas de *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. Fletcher relata os lugares por onde passou e as pessoas com quem se comunicou, e vez por outra, ao mencionar uma situação semelhante à que Kidder experimentou, cita-o literalmente. Pode-se concluir que colocar Kidder como co-autor de *O Brasil e os Brasileiros* foi acima de tudo uma estratégia, porque ele já havia vendido muitos livros, enquanto que Fletcher não era conhecido como escritor, podendo ter dificuldade em ser recebido pelo público.

O título do novo livro também representou uma estratégia comercial, porque resumiu melhor o seu conteúdo, tendo alcançado um número recorde de edições para aquela época. Todos quantos pensavam em vir para o Brasil, desejavam abrir um negócio no país ou queriam saber das oportunidades aqui existentes teriam interesse em adquirir e ler esse livro.

Em seu livro *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, o professor David Gueiros Vieira informa que Fletcher foi auxiliado na elaboração de *O Brasil e os Brasileiros* pelo jornalista Thomas Rainey:

Em 1857, Fletcher evidentemente dividiu seu tempo entre New York e Newburyport, Massachusetts, escrevendo *Brazil and the Brazilians*. Foi auxiliado nessa atividade pelo jornalista e ex-editor do jornal *Cincinnati Daily Republican*, Dr. Thomas Rainey. Este acabava de regressar do Brasil, onde passara algum tempo em Belém do Pará e explorara o vale do Amazonas “por diversas centenas de milhas”.<sup>3</sup>

Considerando essa informação do auxílio do Dr. Thomas Rainey na elaboração de *O Brasil e os Brasileiros*, observando o pouco conteúdo do primeiro livro de Kidder presente nesse segundo livro, tendo a informação dada por Vieira de que Kidder pediu para Fletcher “completar seus esboços do Brasil (sic) até o tempo presente”<sup>4</sup> e tendo em vista o seu espírito de propagandista brasileiro nos Estados Unidos, conclui-se que Fletcher lançou mão de seus

<sup>3</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 71.

<sup>4</sup> Ibid., p. 68. “Esboços” é a tradução literal da primeira palavra do título em inglês: *Sketches of Residence and Travels in Brazil*.

próprios registros, bem como dos escritos de Kidder, e redigiu *O Brasil e os Brasileiros* tendo em mente seu objetivo de tornar o Brasil conhecido dos norte-americanos, realçando suas belezas e oportunidades.

Para quem quer conhecer o pensamento de Kidder, suas viagens pelo Brasil, suas impressões dos brasileiros, das instituições religiosas e da cultura, a leitura do seu primeiro livro é o material mais indicado. *O Brasil e os Brasileiros* têm outros objetivos, e esses são mais publicitários do que religiosos.

A obra apresenta relatos históricos sobre o Brasil, como as invasões dos franceses e dos holandeses, e a transferência da família real portuguesa. Contém descrições da realidade brasileira, falando sobre a casa brasileira, a mulher brasileira, os mercados, a alimentação diária, as diversões familiares, os meninos e os moços brasileiros, os partidos políticos e os estadistas, e a monarquia, forma de governo então existente no país. Descreve de forma minuciosa as paisagens dos locais por onde o autor passou, mencionando inclusive as minas de ouro e a forma de extração. Mostra ainda as instituições religiosas e hospitalares, e relata como os brasileiros tratavam os negros. Aborda a precariedade dos instrumentos de trabalho, sempre muito rústicos. As narrativas possuem sempre um sentido de oportunidade para investimentos no país.

O objetivo da obra é divulgar o Brasil para os norte-americanos, pois, segundo ele, existia mútua ignorância entre os dois povos. Diz Fletcher:

Tendo tido várias vezes ocasião de observar, na minha estada no Brasil, a ignorância aí dominante em relação aos Estados Unidos, e a recíproca ignorância do povo norte-americano em relação ao Brasil, desejei tudo fazer que estivesse ao alcance de uma simples pessoa, para remover a impressão errônea, e conseguir um melhor entendimento entre os dois países.<sup>5</sup>

Tendo em mente esse objetivo – divulgar o Brasil entre os norte-americanos –, Fletcher seguiu para os Estados Unidos em 1854, colocou anúncios nos jornais divulgando uma exposição que seria realizada no Brasil e apelou aos empresários, comerciantes, escritores, poetas e artistas que quisessem que seus trabalhos ou produtos fossem expostos no sentido de encaminharem um exemplar para o endereço anunciado.

O autor diz que lhe foi cedido gratuitamente um navio para transportar os produtos para a exposição, embora, segundo ele, o número de pessoas que enviaram materiais tenha ficado abaixo de suas expectativas.<sup>6</sup> O imperador foi o convidado de honra: a exposição, que reuniu 600 itens, foi visitada primeiramente por D. Pedro II e sua comitiva, só depois sendo aberta ao público. O

<sup>5</sup> KIDDER e FLETCHER, *O Brasil e os brasileiros*, vol. I, p. 277.

<sup>6</sup> Fletcher menciona que alguns lamentaram a não participação, devido aos bons resultados da exposição e o que se seguiu a ela, pois “milhares de dólares foram depois de 1865 empregados na compra dos artigos que expus”. *Ibid.*, vol. I, p. 277.

material exposto consistia em exemplares de livros, gravuras de aço e cromolitografias de Filadélfia, bem como maquinários agrícolas. Segundo Fletcher, o imperador ficou admirado ao observar os objetos. Depois da exposição, muitos desses objetos lhe foram presenteados.<sup>7</sup>

Nesse episódio, vemos em Fletcher um espírito empreendedor e patriótico, embora ele afirme que o motivo principal dessa iniciativa foi “o bem dos Estados Unidos e do Brasil”. Ele observou que a Inglaterra estava alcançando vantagem sobre os norte-americanos com relação ao Brasil. Os ingleses possuíam linhas de navios a vapor desde 1850 e desfrutavam sozinhos os benefícios desse empreendimento. Fletcher escreveu uma carta sobre o assunto ao *Jornal do Comércio*, de Nova York, e desde então continuou a agitar na imprensa a questão das comunicações a vapor entre os dois países.<sup>8</sup> Segundo ele, “os vapores ingleses, a energia e o capital desse país, e a nossa negligência fizeram desse modo progredir o comércio da nossa rival”.<sup>9</sup> A concorrência entre a Inglaterra e os Estados Unidos era algo natural e Fletcher via que, com relação ao comércio entre os dois países e o Brasil, as estatísticas mostravam a grande vantagem da Inglaterra. Fletcher lembra que muitos comerciantes já haviam solicitado essa linha de vapor entre os Estados Unidos e o Brasil, mas que até aquele momento não tinham sido atendidos. Somente em 1864, num convênio entre os dois países, foi possível estabelecer a comunicação a vapor, perfazendo doze viagens de ida e volta entre Nova York e o Rio de Janeiro anualmente.

Fletcher vacilava entre o desejo de ver seu país tirando proveito dos recursos naturais do Brasil através da comercialização de seus produtos e o anseio pela evangelização dos brasileiros. Em visita ao imperador para entregar-lhe os objetos da exposição, Fletcher pôde contemplar o palacete do Marquês de Abrantes, onde a família real estava passando algumas semanas para tomar banhos de mar. Ele relata:

Olhando para uma cena tão encantadora, tive um único desejo, de que esta terra, para quem tanto Deus fez no ponto de vista da natureza, pudesse possuir as vantagens mentais e morais que pertencem aos mais ríspidos povos do norte, pela sua educação e religião.<sup>10</sup>

Para o ministro presbiteriano, a civilização se desenvolvia através de dois carros-chefe: uma educação de qualidade e uma religião que elevasse a moral da população. Seu padrão de civilização eram os Estados Unidos. Em uma carta

<sup>7</sup> Segundo Fletcher, ele dispôs os 600 objetos diferentes de forma tal que a exposição não deixou de ter uma certa imponência. *Ibid.*, vol. I, p. 280.

<sup>8</sup> *Ibid.*, vol. I, p. 223.

<sup>9</sup> *Ibid.*, vol. I, p. 221.

<sup>10</sup> *Ibid.*, vol. I, p. 283.

escrita ao pai, Calvin Fletcher, ele começava a formular o que parece ter se tornado seu plano de ação e por algum tempo sua grande obsessão: converter o Brasil ao protestantismo e ao “progresso”. Para ele, o protestantismo correspondia ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico.<sup>11</sup> Segundo Fletcher, o protestantismo trazia em seu bojo tanto o desenvolvimento quanto a fé. Encher o Brasil de norte-americanos iria contribuir para a evangelização e o desenvolvimento econômico.

Segundo Fletcher, no Brasil havia falta de material para utilização nas escolas. Ele comenta: “No Brasil, encontrei grande falta de livros didáticos. No Chile, em Nova Granada, vi livros espanhóis, publicados por Appleton, e desejava ver a mesma coisa feita para a juventude do Brasil, onde grande atenção esta sendo despertada para os assuntos de educação”.<sup>12</sup> Para ele, aquele momento era importante para alcançar suas aspirações. O tema da educação estava sendo comentado, tendo despertado na juventude o desejo de conhecimento. O país está aberto para a evangelização e havia uma multidão de consumidores em potencial para os produtos norte-americanos.

O duplo objetivo que permeia toda a obra, de evangelizar e de se beneficiar das riquezas brasileiras, pode ser visto no seguinte trecho:

Era meu ardente desejo, primeiro – ver esses sete milhões de homens tolerantes possuindo uma profunda moralidade e uma verdadeira religião. Outro desejo meu seria ver homens de ciência estudiosos do Brasil ligados aos espíritos irmãos da nossa vigorosa terra, e contemplar bons compêndios nas mãos das crianças brasileiras, e ver a nossas fábricas tendo mostruários neste país, seu tão grande consumidor.<sup>13</sup>

### 3. A IDEOLOGIA DO DESTINO MANIFESTO

A idéia de uma nação eleita, com um chamado de Deus para civilizar o mundo pagão, fazia parte do pensamento norte-americano. Para eles este era um chamado de Deus. Mas o desejo de ver sua nação tirando vantagens financeiras dessa atividade também estava presente nos pensamentos de Kidder e Fletcher.

Peri Mesquita, em seu livro *Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil*, ao mencionar a vinda dos norte-americanos sulistas para o Brasil, após a Guerra da Secessão, destaca uma ideia presente entre eles quanto à ocupação do sudeste do Brasil. Se necessário fosse, até mesmo utilizariam forças armadas:

---

<sup>11</sup> VIEIRA, *O protestantismo*, p. 63.

<sup>12</sup> KIDDER e FLETCHER, *O Brasil e os brasileiros*, vol. 1, p. 278.

<sup>13</sup> *Ibid.*, vol. I, p. 278.

O Dr. Barnsley, imigrante americano, médico em Tatuí, São Paulo, (...) afirmava que a meta dos sulistas americanos era “de ocupar o país..., converter os nativos e, se necessário, fazer uso da solução armada”. Por outro lado, esta idéia não era estranha ao Rev. Ballard Dunn, que consagrou um capítulo de seu livro ao tema da ocupação do sudeste do Brasil. Para ele, segundo a opinião de um “velho soldado prussiano”, 20 mil soldados bem disciplinados e alguns navios de guerra poderiam manter a marinha e o exército brasileiros afastados da região. Assim, os imigrantes não tinham nada a temer porque o território poderia ser mantido como uma fortaleza, onde o sistema de escravidão e a liberdade religiosa e política seriam defendidos contra os eventuais ataques dos “pagãos” nativos.<sup>14</sup>

Esse pensamento de conquista e ocupação tem sua origem no pensamento protestante, que olha para Josué, o personagem bíblico que possibilitou a conquista da terra prometida, após a morte de Moisés, e tem nele sua inspiração. Tais idéias não foram adiante, pois os norte-americanos, que haviam passado por uma grande guerra civil, a Guerra da Secessão, não iriam para um lugar distante e empreender outra guerra. A tragédia da guerra perdida ainda estava presente na memória daqueles que perderam seus entes queridos nas batalhas.

Kidder e Fletcher também foram influenciados pelo conceito de Destino Manifesto que havia sido interiorizado pela nação norte-americana.<sup>15</sup> Eles também acreditavam que os norte-americanos haviam sido comissionados por Deus para levar a civilização e a fé a todos os países pagãos. Mesquita assevera:

A convicção de que os sinais do Reino de Deus são a liberdade (civil e religiosa), a civilização e o progresso, levava os metodistas a identificarem a nação americana com o povo escolhido por Deus para salvar o mundo. Por isso, o pastor metodista H. H. Lowry acreditava que “a introdução de nossa civilização pelas agências missionárias nos países menos desenvolvidos torná-los-á mais dinâmicos e contribuirá para a sua evolução”. Ao mesmo tempo, o secretário-geral de Missões afirmava que “o evangelho é a mais eficiente empresa civilizadora”.<sup>16</sup>

Com a influência do Destino Manifesto, mais o desejo de ver os norte-americanos sendo beneficiados com os enormes recursos naturais existentes no Brasil, Fletcher desenvolveu o objetivo de divulgar o Brasil para os norte-americanos, através da ampliação dos escritos de Kidder, sobretudo de seu livro *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. O sucesso desse empreendimento pode ser visto na quantidade de edições alcançadas.

<sup>14</sup> MESQUITA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994, p. 38.

<sup>15</sup> O Destino Manifesto é o pensamento que expressa a crença de que o povo dos Estados Unidos foi eleito por Deus para liderar o mundo e por isso o expansionismo americano é apenas o cumprimento da vontade divina. Os defensores do Destino Manifesto acreditavam que a expansão não somente era boa, mas também inevitável (“destino”) e óbvia (“manifesto”).

<sup>16</sup> MESQUITA, *Hegemonia norte-americana*, p. 105.

Sobre a importância do empreendimento missionário no chamado mundo pagão, que preparava o caminho para o expansionismo norte-americano, Mendonça afirma:

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano com a sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu caminho para o seu expansionismo político e econômico.<sup>17</sup>

É corrente entre os historiadores a idéia de que o desejo de cristianizar o mundo pagão foi utilizada pelas autoridades para a dominação ideológica, mas para os protestantes os motivos eram espirituais. Estava claro que o Brasil precisava da presença civilizadora dos americanos, pois eles estavam trabalhando para levar outros povos a Cristo e contribuindo para a salvação de suas almas.

#### 4. A CONTRIBUIÇÃO DE FLETCHER PARA AS MISSÕES

Para Vieira, Fletcher pagou um alto preço por se posicionar como missionário protestante nessa campanha comercial de divulgar o Brasil entre os norte-americanos e de defender o Brasil junto aos norte-americanos no período da Guerra do Paraguai. Por essa razão, ele foi omitido da história do protestantismo brasileiro.

A rejeição de Fletcher e de seus métodos pelos seus colegas missionários, como será discutido adiante, foi tão completa que chegou a obliterar seu nome da história da igreja protestante no Brasil. A pessoa mais responsável por seu olvido foi provavelmente o Reverendo Alexander Latimer Blackford, o primeiro historiador do movimento missionário protestante no Brasil, que também foi um dos líderes do movimento contra Fletcher. Em 1876 publicou seu primeiro esboço do esforço missionário protestante no Brasil. Nele o nome Fletcher aparece apenas como alguém que tinha cooperado com Kidder escrevendo o livro *Brazil and the Brazilians*.<sup>18</sup>

Os historiadores de épocas posteriores seguiram a mesma tendência, colocando a participação de Fletcher somente como um co-autor de *O Brasil e os Brasileiros*, e ignorando seu papel de ajuda aos primeiros missionários protestantes que chegaram ao Brasil. Porém, Fletcher se defendia das críticas afirmando que não havia incompatibilidade entre o comércio e o trabalho missionário. Vieira transcreve as seguintes palavras de Fletcher:

---

<sup>17</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1995 (1984), p. 62.

<sup>18</sup> VIEIRA, *O protestantismo*, p. 68.

Sei que alguns podem dizer que não é do papel de um clérigo missionário estar envolvendo-se com negócios. Mas creio que tenho uma visão mais alta do que o mero interesse mercantil do meu país, pois sou dos tais que crêem que a religião e o comércio são servos que, unidos com a bênção de Deus, servem para a promoção dos interesses mais nobres e mais altos da humanidade.<sup>19</sup>

Sua defesa não foi suficiente para mudar a realidade que se seguiu, pois até recentemente eram poucos os livros que destacavam a importância e relevância do ministério do Fletcher no Brasil.

Se os companheiros do trabalho missionário de Fletcher não o viam com bons olhos, como o via o clero católico? Vieira lembra que o veículo de comunicação *O Apóstolo* era o meio pelo qual os católicos atacavam a ofensiva protestante: “Em 1871, o jornal ultramontano *O Apóstolo* (...) estava ainda irritado com o comportamento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que elegera Fletcher membro honorário”.<sup>20</sup> O jornal já havia criticado o missionário pelo texto de *O Brasil e os Brasileiros*, por conter várias críticas ao clero católico, caracterizado como ignorante e imoral.

Só recentemente a historiografia protestante começou a reconhecer a importância de Fletcher. GiralDI destaca essa importância:

Ele estava como secretário da delegação americana no Brasil, procurando aproximar o Brasil e os Estados Unidos nas áreas diplomática, comercial e cultural. Através de seus contatos com políticos e intelectuais brasileiros, ele contribuiu indiretamente para a introdução do protestantismo no Brasil. Foi por sua sugestão que o fundador da primeira Igreja Protestante no Brasil, o missionário congregacional escocês Robert Reid Kalley, veio para o Brasil, em 1855.<sup>21</sup>

Podemos observar uma mudança de discurso na análise da atuação de Fletcher entre os primeiros historiadores e os atuais, estes últimos procurando destacar os pontos importantes da contribuição de Fletcher e não enfatizando somente seu interesse comercial.

Considerando que essas obras, *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* e *O Brasil e os Brasileiros*, são as mais importantes sobre o Brasil escritas por norte-americanos naquele período, e também que os missionários norte-americanos chegaram ao Brasil após a publicação delas, não se pode deixar de notar uma relação entre os dois fatos. Havia o interesse de conhecer o vasto país, com extensão territorial igual à dos Estados Unidos, o que é confirmado pelo fato de o livro ter chegado a nove edições (alguns falam em doze,

<sup>19</sup> Ibid., p. 65.

<sup>20</sup> Ibid., p. 80.

<sup>21</sup> GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 38.

sem mencionar as datas). É pouco provável que os primeiros missionários, que foram preparados em seminários de renome, não conhecessem essa obra.

Assim sendo, concluímos que os missionários que chegaram ao Brasil após a publicação desses livros obtiveram conhecimento sobre o país através de tais escritos. Boanerges Ribeiro registra que Ashbel Simonton indicou o livro de Kidder para norte-americanos que queriam conhecer o Brasil, junto com o livro *A Vida no Brasil*, de Thomas Ewbank.<sup>22</sup>

Simonton foi amigo pessoal de James Cooley Fletcher. Vieira informa que Simonton trouxe cartas de apresentação a pessoas importantes, fornecidas por Fletcher:

Simonton, ao chegar ao Brasil, trazia consigo cartas de apresentação, fornecidas por James Cooley Fletcher, dirigidas a “pessoas de alta classe”. Entretanto, não as utilizou a não ser em duas ocasiões, nos casos do Dr. Manoel Pacheco da Silva, Diretor do Colégio Dom Pedro II, e do Dr. Luís Correia de Azevedo.<sup>23</sup>

Essas informações levam a concluir que Simonton era conhecedor dos escritos de Kidder e Fletcher, e se utilizou deles para conhecer o Brasil. Vieira menciona outro exemplo de como os textos escritos por esses autores serviam como manuais para os missionários. Ele informa que o missionário e pastor episcopal Richard Holden, quando veio para o Pará, trouxe um exemplar de *O Brasil e os Brasileiros*:

Em 16 de dezembro de 1860, Holden escreveu sua primeira carta de Belém do Pará. Viajara para lá, via Inglaterra e Escócia, onde fora visitar o pai, Mr. R. G. Holden. Em Londres, visitou a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade de Literatura Religiosa. Então, munido com um exemplar do *Brazil and the Brazilians*, de Fletcher, e de um suprimento de Bíblias, saiu de Liverpool para Belém do Pará, em novembro de 1860.<sup>24</sup>

Essa citação mostra a importância que o livro *O Brasil e os Brasileiros* teve no período da inserção do protestantismo brasileiro, dando informações sobre o Brasil aos missionários de outros países.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *O Brasil e os Brasileiros* cumpriu os objetivos para os quais foi escrito: divulgou, durante muito tempo, o Brasil para os norte-americanos e serviu de material de propaganda para todos quantos queriam de alguma for-

---

<sup>22</sup> RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 173.

<sup>23</sup> VIEIRA, *O protestantismo*, p. 135.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 164.

ma conhecer o Brasil, visando evangelizá-lo, ter algum tipo de envolvimento comercial ou simplesmente conhecê-lo.

O livro reflete a dicotomia de seus autores. De um lado vemos Kidder, com seu desejo principal de evangelizar o país, e do outro, Fletcher, enfatizando o aspecto mercantilista e comercial desse empreendimento. À luz da história subsequente, podemos dizer que os dois objetivos foram atingidos, não, porém, como os autores esperavam, nem com a rapidez que eles previam. A leitura crítica dessa obra mostra que a vinda de missionários norte-americanos para o Brasil não foi motivada apenas pelo desejo de levar pessoas ao “reino de Deus”. *O Brasil e os Brasileiros* indica que por trás de alguns missionários piedosos também existiam interesses mercantis e imperialistas.

### ABSTRACT

This article deals with the book *Brazil and the Brazilians* (1857), by Daniel Parish Kidder and James Cooley Fletcher. This book expands Kidder's *Sketches of Residence and Travels in Brazil*, written a few years earlier (1845). *Brazil and the Brazilians* informs North-Americans about the riches and natural beauties of Brazil, portraying it as a country full of opportunities, in which they would be able to sell their products and extract mineral riches. Another purpose is the evangelization of the Brazilians. Having in mind the first objective, Fletcher promotes an exhibit of North-American products in Rio; regarding the second, he stresses in his writings the need for missionaries. This work and subsequent history demonstrated that these objectives were achieved, though not in the way the authors expected nor as quickly as they expected. A critical analysis of the text shows that behind some pious North-American missionaries there were mercantile and imperialist interests.

### KEYWORDS

Brazilian Protestantism; Insertion of Protestantism; Methodist missionaries; Presbyterian missionaries; Travelers; Mercantilism.